

## CONHECIMENTO E APRECIÇÃO CRÍTICA DE GRACILIANO RAMOS EM PORTUGAL

Fernando Cristóvão

O conhecimento e a apreciação crítica da obra de Graciliano Ramos em Portugal tem a ver, antes de mais, com duas outras questões conexas: a da difusão da literatura brasileira e a da tomada de conhecimento do romance nordestino de 30 na terra lusíada. Só em função delas se deve aquilatar da importância e lugar ocupado pelo autor de *Vidas Secas*, nesse mesmo espaço cultural e literário.

Resumindo a situação relativamente ao primeiro aspecto, lembraremos que só se poderá pensar com objetividade na divulgação da literatura brasileira no outro lado do Atlântico, neste século, a partir de brasilianistas tão reputados como Manuel de Sousa Pinto, João de Barros e José Osório de Oliveira, para falar unicamente dos maiores, coadjuvados fraternalmente por brasileiros como Oliveira Lima. Referimos apenas os maiores, porque, felizmente, o esforço de aumentar o conhecimento mútuo conta com um número cada vez maior de seguidores destes pioneiros.

E não é por acaso que os apelidamos de pioneiros, pois a excessiva familiaridade entre portugueses e brasileiros conduziu ao excessivo desleixo de se esquecer durante demasiado tempo a necessidade de intensificar e institucionalizar as relações culturais e literárias entre os dois países irmãos.

Na verdade, por mais encorajadoras que tenham sido as posições assumidas por Alexandre Herculano e Garrett (pese embora a alguma historiografia precipitada a injusta desconfiança para com eles, relativamente ao âmbito espaço-temporal da literatura portuguesa), o certo é que no início do século a posição não era brilhante: até os grandes autores bra-

sileiros eram desconhecidos da maioria dos portugueses letrados, e se consagravam entre eles valores irrelevantes no seu país de origem, em virtude de os circuitos publicitários de tertúlia, compadrio e deficiente informação pesarem demasiado nas páginas literárias da época.

Com razão se queixava Valentim de Magalhães, em Lisboa, em 1896: "Os livros brasileiros não são lidos em Portugal; o movimento literário transatlântico é completamente desconhecido cá. Ao passo que lá se leu as mais insignificantes obras portuguesas e são familiares os nomes de todos os escritores portugueses, no país irmão desconhecem-se mesmo os mais importantes e os mais notáveis (escritores) (...). Os próprios homens de letras em Portugal pouco conhecem da literatura brasileira depois de Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu e Alencar." (1)

E o poeta português Carlos Queirós, escrevendo em 46 e referindo-se ao final da década de 20 e princípios de 30 comentava: "Nesse tempo, entre nós, as figuras representativas do mundo literário brasileiro eram Catulo, Olavo Bilac e Coelho Neto (...) Entretanto, Castro Alves e Machado de Assis, por exemplo, eram nomes que não representavam nem um estado, sequer uma cidade. Só raros os tinham lido, raríssimos apreciados, e o grande público de então os ignorava, continua a ignorá-los". (2)

Imperdoável, sobretudo, o esquecimento de Machado de Assis que scandalizou particularmente Augusto Frederico Schmidt que em 49 assim resumia as suas impressões de visita a Portugal: "recolhi a impressão de que muitos entre os mais ilustres escritores de hoje nunca leram o nosso grande mestre." (3)

Foi graças a escritores e críticos tão dedicados à divulgação literária como José Osório de Oliveira, (em inúmeros artigos, conferências, antologias, contatos), sem dúvida o maior e mais eficaz em Portugal, que o desconhecimento relativamente ao Brasil pôde ser ultrapassado. Esforço esse talvez não correspondido pelos brasileiros, como o demonstram os fatos e até mesmo as respostas à carta de despedida e desalento do notável brasilianista.

Julgando-se não apoiado pelos escritores do Brasil, no que entendia ser uma autêntica cruzada, José Osório publicou

(1) Valentim Magalhães, *A Literatura Brasileira*, Lisboa, A.M. Pereira, 1896, pp. 9-12.

(2) Carlos Queirós, *Atlântico*, nova série, nº 2, setembro de 1946.

(3) *Atlântico*, 3.ª série, nº I, 1949, citando o *Correio da Manhã*, do Rio.

em 1940 em famoso artigo-carta *Adeus à Literatura Brasileira* onde dizia ir pôr termo a uma atividade ininterrupta de divulgação literária desde 1926, aos valores brasileiros, em Portugal, por falta de apoio e estímulos. Desiludido interrogava: "corresponderão os brasileiros ao interesse que tenho por eles, interessando-se igualmente, não digo por mim, mas pela literatura portuguesa? (...) será este por tudo isso, o meu último artigo sobre a literatura brasileira, mas quero que esta despedida seja ainda um ato de louvor".<sup>(4)</sup>

A resposta de vários intelectuais brasileiros emitentes, entre eles Mário de Andrade, se foi suficiente para que José Osório tivesse algum conforto nessa despedida, não eliminou as causas do mal-estar, pois ambas as partes têm justas queixas e ajustadas culpas no desconhecimento recíproco.

E já que me ocupo de Graciliano, acrescentarei, como adenda, a resposta do major Graça no artigo *Uma tentativa de explicação*, datado de 3 de novembro de 1940, no manuscrito autógrafa, que supomos ainda inédito,<sup>(5)</sup> desculpabilizando os seus colegas de ofício: "o Sr. José Osório de Oliveira tem razão. Contudo várias pessoas ficaram magoadas com ele, talvez igualmente com razão. O que há neste caso é apenas um equívoco: Tanto nos diferenciamos dos europeus que já nem nos entendemos. Será bom tentarmos, embora tarde, uma explicação deste negócio". E toda a explicação é feita, em seguida de harmonia com a sua velha tese do fundo caeté presente em todo o civilizado do Brasil, opinião expendida com tanta sinceridade como malícia.

Mas não foram inúteis os esforços de José Osório e outros, pois graças ao ambiente por eles criado puderam resultar coroados de êxito os esforços oficiais luso-brasileiros de institucionalização dos estudos brasileiros nas universidades portuguesas. Assim, pode considerar-se que o movimento tímido e inseguro iniciado em 1923, e mais seguramente de 1930, com a criação dos estudos brasileiros na Faculdade de Letras de Lisboa ganhou novas forças, para se consolidar com a criação desses mesmos estudos em 1957 na de Coimbra e em 1972, na do Porto, tendo, deste modo, desaparecido os obstáculos maiores ao conhecimento mútuo das duas literaturas. Desde então não há lugar para lacunas ou equívocos de

(4) José Osório de Oliveira, "Adeus à Literatura Brasileira", in *Diário de Lisboa*, Lisboa, 16 de junho de 1940.

(5) A suposição radica-se no fato de no artigo que José Osório escreveu posteriormente, em 24 de dezembro de 1940 (*A Literatura Brasileira*), onde comentava as reações à sua tomada de posições.

maior, apesar das enormes dificuldades provocadas pela fluante presença do livro brasileiro, demasiado caro e irregular no mercado português.

Quanto à tomada de conhecimento dos autores do romance de 30, especialmente o nordestino, pode afirmar-se que ela foi, neste contexto, rápida e privilegiada, ainda nos últimos anos da década de 30, atingindo o auge na década de 40 e prolongando-se em anos posteriores. E por uma razão bem forte: a literatura portuguesa, tal como a brasileira, estava necessitada duma renovação, e não era suficiente o novo sangue presencista. Algo de mais autêntico se impunha, e esse impulso veio-lhe do romance nordestino pela via neo-realista que a partir da década de 40 abriu novos caminhos à ficção portuguesa.

Cedo se aperceberam disso críticos tão atentos como João Gaspar Simões ou Luís Forjaz Trigueiros. Dizia este, de maneira bem explícita, em 1942, nas páginas da revista luso-brasileira *Atlântico* comentando as obras de Alves Redol, Soeiro Pereira Gomes e Manuel da Fonseca terem eles sido beneficentemente influenciados — Soeiro e Redol por J. Amado, Manuel da Fonseca por José Lins do Rego —, acrescentando: “Para nós os que começamos a escrever de há uma década para cá, os escritores brasileiros modernos são uma grande escola. Escola de verdade — a transbordar desse leito caudaloso de mentira e de artificialismo que foi a literatura portuguesa de ficção até há meia dúzia de anos. Escola de simplicidade, de naturalidade — que o mesmo é, escola de vida.” (6)

E outros testemunhos semelhantes poderíamos encontrar facilmente em autores e críticos da mesma forma. Antônio Quadros, por exemplo: “Como a tantos da minha geração, foram os livros de José Lins do Rego, de Érico Veríssimo, de Jorge Amado, de Graciliano Ramos que me abriram os olhos para a realidade cultural do Brasil. Era uma época em que a novelística portuguesa se não tinha afirmado ainda com a pujança de hoje (...) Era a língua portuguesa, mas insuflada de uma outra alma, de uma outra visão, de uma outra experiência”. (7)

Aconteceu assim que pela primeira vez como fenómeno coletivo e objetivamente diagnosticado, a Literatura Brasileira passou a influenciar a Literatura Portuguesa, tanto na poesia (*Novo Cancioneiro*), como no romance, ajudando-a a inflectir os seus rumos. Estava definitivamente vencida a situação tra-

(6) Luís Forjaz Trigueiros, *Atlântico*, n.º I, Primavera de 1942, p. 152.

(7) Antônio Quadros, “O romance brasileiro actual”, in *O Romance Contemporâneo*, Lisboa, S.P.E., pp. 171-172.

dicional de dependência e tinha-se inaugurado nova etapa de diálogo e permuta plena, não apenas ao nível temático ou decorativo. Permuta que iria continuar, especialmente nas experiências concretistas, e que esperamos não cesse mais.

É neste contexto que se deve entender a presença de Graciliano Ramos, a um tempo favorecida e prejudicada por ele, no seu valor específico. Favorecida, porque mais rápida e ampla do que normalmente seria de esperar em autor de tão poucas concessões no gosto do público com ele, e pouco provável, nessa dimensão, se não figurasse no grupo nordestino. Prejudicada porque o grande impacto vai ser provocado por Jorge Amado e José Lins do Rego dadas as características das suas obras: mais lineares, mais tropicalistas (e o exotismo tropical sempre seduziu o português, com as conseqüências de todos sabidas), obras mais espontâneas e menos trabalhadas.

Olhando o conjunto das referências bibliográficas, apreciações críticas nos principais jornais e revistas, edição de obras, pode desde já referir-se que Graciliano é sempre menos citado e divulgado, surge só na segunda ou terceira linha da novidade, mas, paradoxalmente, quase desde o início se avanta aos seus companheiros na recolha dos louvores. Acontece até que, com o rodar dos anos, o seu lugar se firma entre os críticos, contrariamente aos da sua geração, alguns em progressivo apagamento.

As primeiras informações sobre Graciliano, como sobre os seus colegas de geração, chegaram ao público português trazidas por divulgadores como Afonso de Castro Senda que nas páginas de *O Diabo*, na rubrica *Panorama literário do Brasil*, cu semelhantes, davam conta das novidades literárias e afirmação de personalidades do outro lado do Atlântico.

Assim, este divulgador que se declarava alheio à crítica sistemática e elaborada, e definia como realizando atividade de "compreensão e divulgação sobre as leituras feitas "apresentou ao público desse "semanário de literatura e crítica", desde janeiro de 1938, os principais nomes do romance de 30 resumindo e apreciando minuciosamente cada uma das obras. E a respeito de Graciliano, foi mais longe, tomou posição contra outro divulgador Frederico Alves que no mesmo jornal ao apresentar os principais ficcionistas brasileiros, omitira nomes que lhe pareciam importantes: Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Rachel de Queirós, José Américo de Almeida. A Graciliano Ramos haveria de dedicar uma longa crô-

nica especial, em junho do mesmo ano, comentando cada uma das suas obras de ficção.<sup>(8)</sup>

Nesse ano de 1938 merece especial relevo um artigo de Agripino Grieco na revista *Ocidente*, que então iniciava em Lisboa a sua publicação. Nela o prestigiado crítico apresentava e comentava os quatro romances de Graciliano chamando a atenção dos leitores para o seu alto mérito, e estabelecendo padrões de apreciação adentro da literatura do Brasil, nomeadamente desmarcando-o do pitoresco de José Lins, aproximando-o da atmosfera psicológica de Machado de Assis e enaltecendo a sua forma de utilizar a técnica do monólogo interior.

No ano seguinte, é a *História Breve da Literatura Brasileira* publicada por José Osório de Oliveira em Lisboa, que aponta o mérito do romancista ao evidenciar o contributo para a "conquista definitiva de um caráter nacional", insistindo em que "aos romancistas compete a missão de revelar o Brasil aos brasileiros. Preocupação, aliás, insistente no crítico luso, encarecendo os elementos de autenticidade brasílica nas obras e autores estudados, e em perfeita continuidade das opiniões de Herculano, Garrett ou Mendes Leal, declaradamente favoráveis à autonomia literária do Brasil.

A década de 40 que entretanto chegava, ia ser para o conjunto dos autores de 30 o tempo da sua revelação e do início do contato, ainda tímido, com os leitores portugueses, para lá do círculo restrito dos críticos e estudiosos.

Assim, o primeiro autor editado foi Érico Veríssimo. *Olhai os lírios do Campo* saiu em 1946 na *Livros do Brasil*, e nessa mesma década outras 8 edições de obras diversas do mesmo autor viram a luz da publicidade e uma popularidade sempre renovada. Então as visitas do portalegrense a Portugal eram verdadeiros acontecimentos sociais e, de certo modo, populares. Seguiram-se *Jubiabá* de Jorge Amado, em 1948, e *Eurídice* de José Lins do Régio em 1949. A primeira edição de Graciliano Ramos só apareceria em 1957, com *S. Bernardo*. E desde então não mais cessaram as edições junto ao público português. Na década de 50: uma de Graciliano, 8 de José Lins, 20 de Érico Veríssimo.<sup>(9)</sup> Na década de 60: 19 de Jorge Amado, 5 de Graciliano, 2 de José Lins do Rego (note-se o nítido recuo), 20 de Érico Veríssimo. Na década de 70: 33 de Jorge Amado,

(8) Afonso de Castro Senda, *O Diabo*, Lisboa, 6 de junho de 1938.

(9) Dado que várias das editoras em questão muitas vezes omitem as datas de edição nas suas obras, a presente estatística foi elaborada a partir das datas de registro de depósito legal na Biblioteca Nacional de Lisboa.

2 de Graciliano, 2 de José Lins e 37 de Érico. Em números absolutos e por ordem decrescente, 86 de Érico (o autor brasileiro mais lido em Portugal), 54 de Jorge Amado, 16 de José Lins, 8 de Graciliano.

Para completar a estatística acrescentaremos ainda contrastarem estes sucessos editoriais com o quase desconhecimento pelo grande público de outros autores de 30. Rachel de Queirós não conheceu até ao fim de 70 nenhuma edição portuguesa, *A Bagaceira* de José Américo de Almeida apenas teve uma edição em 1958. Octávio de Farias só viu editado *Mundos Mortos*, em 1961, Marques Rebelo *A Estrela Sobe*, em 1968, nada se publicando de Amado Fontes, Lúcio Cardoso ou Cornélio Pena, o que significa desconhecimento por parte do leitor comum (e de muitos críticos), dado que o livro brasileiro é de difícil e dispendiosa aquisição em Portugal.

No que toca a Graciliano, acrescentaremos ainda terem sido publicados vários dos capítulos de *infância* e *Insônia* como contos, de 1942 a 1944, pela revista *Atlântico*, que também divulgou ficção de Rachel de Queirós, Octávio de Faria, Érico Veríssimo, Marques Rebelo e outros. Aliás, a década de 40 foi o período áureo e entusiasta do intercâmbio luso-brasileiro, mercê sobretudo da ação dinâmica e esclarecida de José Osório de Oliveira e dos serviços oficiais dependentes de Antônio Ferro.

Voltando às opiniões e apreciações críticas de autores e obras em revistas da especialidade, é de revelar também, dado o público qualificado que o recebeu, o depoimento do brasileiro Almir de Andrade, obtido e apresentado por Castro Soromenho na revista *Seara Nova* em 1940. Ao referir-se aos "novos rumos da literatura brasileira" Graciliano, Rachel e Jorge Amado são apontados como dos melhores do romance do Brasil. O largo painel traçado por Almir de Andrade, muito em função de dados sociais, permite avaliar das correntes de fundo condicionantes da vida brasileira e da sua expressão literária.

Mas, nesta década, sem dúvida a posição crítica mais importante e uma das mais prestigiantes adentro do espaço lusíada foi a tomada por João Gaspar Simões, em 1942, num ensaio de natureza globalizante: "Machado de Assis e o problema do romance brasileiro", que no respeitante ao roman-

---

É, portanto, susceptível de ser aperfeiçoada quanto ao número de edições e precisão das datas. No entanto, pode aceitar-se como substancialmente certa até porque foi aferida pelo processamento das várias séries e cotejo das datas de edição.

cista de Alagoas se pode considerar justificação ou complemento duma análise dos seus romances realizada pelo mesmo crítico em setembro de 1938. (10) Gaspar Simões que durante largo tempo pontificou na crítica portuguesa até ser apeado, com alguma ingratidão, pelas novas gerações, fez uma apreciação dos romancistas nordestinos, nomeadamente de Graciliano, segundo pressupostos teóricos demasiado radicais que o levaram a não os valorizar convenientemente. Otto Maria Carpeaux diria ser esse estudo, a respeito de Graciliano, "incompreensivo". Na verdade assim o podemos entender se o recebermos na acepção absoluta, mas muito elogioso, apesar de tudo, se lhe descontarmos os pressupostos relativizantes.

Para Gaspar Simões, só dois caminhos se abrem aos romancistas: ou serem líricos ou analíticos. Os líricos não conseguem alçandorar-se ao que chama "visão refletida e dramática", de distanciamento da realidade caracterizada pela objetividade criadora, força dramática, penetração psicológica, veemência humana, perdendo-se antes no descritivo, dando principalmente o lado emotivo do caráter, servindo-se do herói só como pretexto para exteriorizar a sua sensibilidade: "Para o gênero lírico, os valores reais não fazem parte de uma hierarquia objetiva e universal: fundam-se em reações individuais, só aquilo que o homem quer que eles sejam. Daqui o não haver apenas uma justiça e uma moral para os povos de gênero lírico, mas tantas justças e tantas morais quantos os indivíduos chamados a falar em nome da moral e da justiça. O individualismo extremo de toda a nossa vida social e política vem daqui". (11)

Os analíticos, ao contrário, são capazes de dar conta, não só da humanidade nacional, mas também da humanidade universal, constroem personagens objetivas e impessoais, exprimindo sentimentos e conflitos a que todos os leitores são sensíveis: "Não há dúvida: o que constitui a pedra de toque do temperamento do romancista é uma espécie de *impessoalização pessoal*, passe o paradoxo, ou seja, uma espécie de talento histriônico graças ao qual um autor pode encarar com verdadeira profundidade sentimentos que não possui, ou que, pelo menos, não tem uma imaginação completa e viva. Eis o que se exige dum escritor, o poder de usar da imaginação independentemente de qualquer momentânea adaptação emocional ao estado imaginativo requerido". (12)

(10) "A obra de Graciliano Ramos", in *Crítica I*, Porto, Latina, 1942.

(11) *Cadernos de um Romancista*, Lisboa, Francisco Franco, 1942 p. 240.

(12) *Cadernos de um Romancista*, Lisboa, Francisco Franco, 1942, p. 245.

Como é fácil constatar, a "incompreensão" de Gaspar Simões vem-lhe da estreiteza do padrão de medida, fruto aliás dos critérios psicologistas da época e dos seus mitos. Nem a dicotomia místico-analítico é aceitável como dijuntiva válida para a compreensão do real, nem da balança judicativa o prato da análise pesa sempre para o lado da verdade, nem é legítima a identificação do autor com o narrador. Aliás, desde há muito que a situação está esclarecida, desde que Aristóteles falou do fingimento poético capaz de transmutar a "mentira" literária em testemunho mais verdadeiro que o documento das análises históricas ou outras. E já que falamos de Graciliano, lembre-se, a propósito, o seu testemunho de romancista que apesar de tão eticamente em não usar o fingimento literário sem antes o ter passado pela prova de fogo da experiência vivida, foi ao ponto de defender nas *Memórias do Cárcere* a maior adequação da verossimilhança ficcional que da verdade histórica para exprimir a verdade: "essas coisas, verdadeiras, podem não ser verossímeis". (13)

E talvez pudéssemos acrescentar que esse escrúpulo ético, feito hábito capaz de corrigir os derramamentos líricos, foi certamente em Graciliano o progresso e pedra de toque da objetividade. Assim o entendeu José Fernandes Fafe que aponta o romancista brasileiro como modelo para os neo-realistas portugueses lembrando-lhes que não basta conhecerem as realidades sociais, superficialmente, mas se impunha com o romancista brasileiro como viver uma experiência. (14)

A incompreensão de Gaspar Simões fê-lo esquecer que, para o conhecimento dos problemas do Homem, através do romance, nem a única via é a da análise (e toda a gente conhece os equívocos a que outra escola ávida de objetividade e impessoalidade, ditas científicas — a naturalista — conduziu (...), nem, em certas épocas, ela é a mais adequada. Convém notar ainda que o psicologismo estava a passar e que um dos méritos dos nordestinos brasileiros e neo-realistas portugueses foi precisamente o de inaugurarem uma nova maneira de encarar o real, ultrapasando o psicologismo presentista. Com os novos romancistas um novo entendimento da condição humana foi possível, além de nova e mais eficaz solidariedade entre literatura e sociedade.

(13) Graciliano Ramos, *Memórias do Cárcere*, 5.<sup>a</sup> edição, S. Paulo, Martins, 1965, p. 10.

(14) José Fernandes Fafe, "A propósito e a despropósito do último livro de Graciliano Ramos" in *Vértice*, abril de 1955.

A verdade ficcional de Graciliano, brotando espontaneamente da sua pena, apesar de castigada no estilo implacável, limpo de quaisquer gorduras retóricas, cedo o fez sobressair dentre os demais escritores de 30 como autor autenticamente brasileiro e autenticamente universal. E isso porque dotado das qualidades que Machado de Assis considerava como definidoras do autêntico escritor brasileiro: "certo sentimento que o torne homem do seu tempo e do seu país ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço." (15)

Autenticamente do seu país o viu Forjaz Trigueiros ao enquadrar a obra do romancista numa concepção superior de regionalismo, bem diferente da idéia pobre de casticismo literário. Por isso chamou a atenção para o papel importante desempenhado no psicológico e no social pelas regiões culturais. E em função dessa unidade dinâmica do regionalismo valorizou a obra do romancista alagoano, ao mesmo tempo que a integrou num conjunto maior, de significação homogênea, a que também pertencem os romances de José Lins do Rego, Rachel de Queirós, Jorge Amado, Octávio Faria, Érico Veríssimo e as novelas de Marques Rebelo e Ciro dos Anjos. Regionalismo universalista melhor se diria, para obviar aos equívocos condenados por Adolfo Casais Monteiro quando enalteceu a significação universal do autor de *Vidas Secas*. Na verdade, Casais Monteiro repetidamente pôs em evidência o valor de Graciliano para além dos estreitos critérios regionalistas de casticismo e solidariedade local. E numa expressão feliz que deu título a um artigo de jornal, "Graciliano sem Nordeste", chamou a atenção para o que havia nele de universal: "Graciliano Ramos não depende do Nordeste, eis o que afirmo (...) Em Graciliano, o Nordeste não é o Centro do Mundo; o centro do mundo é a infinita miséria dos homens. E nós sentimos o Nordeste através desta miséria, como através da particular miséria dos seus heróis sentimos a dos homens de qualquer parte da Terra". (16)

A esta faceta de universalidade foi também particularmente sensível o crítico Amândio César que, sem deixar de chamar a atenção para o individualismo desse *homo pro se* cuja obra fortemente uma recebia da personalidade forte do seu autor, o melhor da sua coesão, afirma estar ela acima de gêneros de correntes: "sem ser romance de costumes, sem

(15) Machado de Assis, "Instituto de Nacionalidade", in *Crítica Literária*, Rio, W.M. Jackson, 1955.

(16) Adolfo Casais Monteiro, "Graciliano Ramos sem Nordeste", in *Diário de Lisboa*, 23 de abril de 1959.

ser romance de tipos, sem ser romance intencionalmente social, conseguiu ultrapassar barreiras e fazer apenas romance que acontecia na terra seca do Nordeste, podia suceder em qualquer outra parte que ainda era verdadeiro e verdadeiramente humano.” (17)

Mas, talvez onde a crítica portuguesa não universitária foi mais abundante e incisiva foi na análise do psiquismo tanto do autor de *Angústia* como das personagens das suas obras, quer de ficção quer biográficas.

Já Castro Senda logo nas primeiras apresentações do romancista falava na “afirmação autista do esquizóide do seu tipo”, e por essa via se processaram muitas apreciações críticas. O pessimismo trágico de Graciliano foi uma dessas características mais assinaladas. Dele disse Antônio Quadros: “nunca se abandona a um arrebatamento lírico (...) é o mais trágico e o menos épico, o mais pessimista e o mais angustiado dos que pertencem ao mesmo movimento (...) As suas histórias têm um clima bastante obsidiante e desesperado.” (18)

E Manuel Anselmo: “Direi mesmo que personagem central de todos os seus romances é a angústia dialética de Graciliano Ramos, provocada pela própria experiência (...) Todos são disfarces de Graciliano (...) Não há optimismo nem alegria, mesmo intelectual (...) Tudo é trágico, enfermo, infeliz como a própria paisagem seca e dramática que conheceu em Buíque. Ninguém é feliz porque Graciliano não acredita na felicidade.” (19)

Esta também a faceta que mais impressionou os críticos da revista *Brotéria*, especialmente João Mendes e João Maia que atentos aos valores éticos e sobrenaturais da pessoa, significariam esse pessimismo em termos de imolacabilidade, frustração e vazio de transcendência clamando pelos seus contrários. Daí o encararem particularmente o problema do herói, ou anti-heróis, tipo e modelo de homem: “de modo geral (...) a timidez diante duma implacabilidade. A imolacabilidade da vida e suas leis (viria a dar no mesmo se disséssemos a implacabilidade do romancista que tem tal concepção da existência) e o acanhamento do homem tímido, desajeitado”. (20)

“O herói de dentes cerrados e num abandono de desespero vai sulcando este mar de lama de paixões cegas des-

(17) Amândio César, *Literatura pelo Caminho*, Braga, 4 Ventos, 1958, p. 126.

(18) Antônio Quadros, *O Romance Contemporâneo*, pp. 87-183.

(19) Manuel Anselmo, *Família Literária Luso-Brasileira*, Rio, J.O., 1943, pp. 221-222.

(20) João Mendes, *Brotéria*, Lisboa, julho de 1965.

controladas, e vai abrindo a alma vazia, nem melhor nem pior que as topadas no caminho (...) angústia de vômito, estertor de condenado". (21)

"Todas estas vidas são secas porque lhes falta um amor, o atrativo de um ideal transcendente". (22)

Aliás, foi esta imagem ácida e pessimista de Graciliano que se fixou na opinião pública portuguesa até porque consolidada pela entrevista ao *Diário de Lisboa* concedida em 1952, por ocasião da sua passagem pela capital portuguesa, pouco tempo antes da sua morte. Declarou ao repórter não estar otimista em relação à Literatura Brasileira do tempo: "os que fizeram alguma coisa calaram-se depois, e esse silêncio é uma cobardia (...) não há novos valores no romance brasileiro depois do surto do romance nordestino de 1932 e 1935 (...) Talvez seja o pessimismo da minha idade, talvez seja a opinião de um selvagem, mas é a minha opinião (...) Qual poesia? (...) Para mim eu não entendo essa coisa que os modernos chamam poesia, e é melhor não falarmos nela (...) Posso lá entender os poetas de hoje." (23)

A apreciação crítica de Graciliano Ramos, como aliás da Literatura Brasileira em Portugal sofreu, todavia, uma inflexão de rumo com a consolidação e desenvolvimento dos estudos brasileiros nas universidades portuguesas, a partir de então, por critérios e análises mais sistemáticas e metódicas que as do tradicional jornalismo literário.

Ambos os caminhos, como é óbvio, têm a sua legitimidade e seu âmbito de validade, sendo apenas de lamentar a incompreensão mútua e que, no tocante à crítica jornalística, ela se revela contra as preocupações de sistematização e método da crítica universitária, menos judicativa e mais analítica, mais cultural e estética que de empenhamento social. Incompreensão essa, ou mesmo hostilidade que afinal visa demasiado a proteger a arbitrariedade de certas tomadas de posição impressionistas, com acusações gratuitas de formalismo estéril de gráficos e modelos, reducionismo de estatísticas etc., e freqüentemente acompanhada da exaltação excessiva do inefável da obra de arte de que nenhuma análise é capaz de dar suficiente conta.

Essa crítica universitária, um tanto alérgica às luzes da ribalta literária, há já alguns anos se vem debruçando pacientemente sobre a literatura brasileira, e esperamos que, espe-

(21) João Maia, *Brotéria*, Lisboa, julho de 1953.

(22) João Maia, *Brotéria*, Lisboa, novembro de 1965.

(23) *Diário de Lisboa*, Lisboa, 24 de abril de 1952.

cialmente a partir de agora com a institucionalização das pós-graduações, possa multiplicar os seus frutos pelo alargamento do número, ainda restrito, dos especialistas em Literatura Brasileira.

Foi com esse tipo de preocupações críticas e metodológicas diferentes que demos o nosso contributo para um maior conhecimento de Graciliano.

Em obra publicada no início de 1975, lamentavelmente mutilada pelo editor numa primeira edição e só aceitável, ainda que à revelia, um pouco mais tarde, procuramos pôr em evidência os valores humanos essenciais, e os estéticos, do maior escritor nordestino de 30.

Andou a nossa análise à volta de dois pólos julgados fundamentais o da concepção que o romancista fazia da vida, e o da coerência interna da sua linguagem e estilo. E nela concluímos, quanto ao primeiro aspecto, pela prevalência das preocupações essenciais da condição humana sobre as sociais, ainda que solidárias com elas, por serem da ordem do Ser, e mais explícitas e abrangentes em Graciliano, que as segundas, estas mais voltadas para o modo de existir.

Quanto à forma da expressão literária, concluímos pela existência modeladora do que Roman Jakobson chamou "estilo metonímico", onde a linguagem e os concomitantes efeitos estilísticos tinham mais a ver com as operações de combinação e integração em contexto de que as operações de seleção e substituição. E que assim, melhor do que em qualquer outra teoria, era possível entender, coerentemente, tanto o processo criador de Graciliano na estruturação duma obra sempre resultante da combinatória de núcleos — contos prévios —, como, ao próprio nível do estilo e da organização frase, assinalar os seus componentes como igualmente resultantes das operações postuladas pelo mesmo eixo de linguagem.

Desta breve resenha seletiva da crítica e conhecimento portugueses de Graciliano, algumas conclusões se podem tirar.

Primeiramente, que a crítica lusa, estando mais livre de pressões de pessoas e lugar, mais facilmente pode apontar os melhores e não ter hesitações na separação do trigo e joio literários. E Graciliano foi logo indicado como o melhor, apesar de menos favorecido editorialmente.

Além disso, a crítica portuguesa, até por estar distante, geograficamente, das circunstâncias externas que envolvem a obra literária brasileira, interessa-se preferentemente por valores mais especificamente literários, valorizando mais o uni-

versal que o regional, atentando mais no homem perene e valorizando o questionamento metafísico da condição humana. Para isso contribui, também, a tradição humanística européia nunca renegada, antes, de contínuo, enriquecida.

No tocante a Graciliano, duas predileções diferentes e complementares se manifestaram logo desde o início: os criadores literários-romancistas e poetas neo-realistas: foram mais sensíveis à faceta social do romancista; os críticos e ensaístas, sem perderem de vista essa perspectiva, puseram em evidência sobretudo o posicionamento face ao drama humano entendido em termos tão largos como os que vão da análise dos estados psicológicos às postulações metafísicas e à aceitação ou recusa do transcendente. A preferência dos primeiros foi para o Nordeste de Graciliano, a dos segundos, para um "Graciliano sem Nordeste".

Ainda uma última conclusão: a do notável desfazamento entre a atividade editorial e a divulgação dos autênticos valores. Evita-se muita coisa inútil ou supérflua e omite-se ou atrasa-se a revelação de obras importantes, apesar dos pronunciamentos críticos entretanto manifestados. Por influência dos fatores políticos? Não é fácil concluir pela afirmativa, pois se compararmos as obras editadas e omitidas em Portugal, não faz muito sentido, apesar da atuação perniciosa da censura oficial. Por inoperância e débil influência da crítica? Por desatenção das instituições culturais vocacionais para a atividade editorial e incapazes de corrigir, como lhes competia, estas assimetrias culturais? Por calculismo comercial pouco esclarecido das editoras que não têm sabido explorar o público universitário e culto em geral? Quem souber que responda.